

CARTA

SANTIAGO DO CHILE, outubro — Senhor redator de "La Nacion" — Na primeira página da edição de 23 de outubro des-se conceituado matutino está publicado que "a las 18,30 horas de hoy se efectuará en el Teatro Municipal una velada en celebración del decimo aniversario de la fundación de las Naciones Unidas.

El Ministro de Relaciones Exteriores, contralmirante señor Kaare Olsen, pronunciará una breve alocución. Por su parte, el Teatro Experimental pondrá en escena la obra de Thornton Wilder: "La larga cena de Navidad". Finalmente, el Ballet del Instituto de Extensión Musical de la Universidad de Chile presentará "Alótria".

Ora, senhor redator; eu sou admirador das Nações Unidas, de Thornton Wilder, de ballet e do contralmirante Kaare Olsen; em vista do que convenci a um amigo português a ir ao Municipal comigo, fiz uma barba caprichada, puz uma gravata nova e lá fomos. À porta perguntei como se entrava, se era por convite ou se era possível comprar entrada. O porteiro respondeu que podíamos comprar entrada na bilheteria. Fomos, e o bilheteiro me informou que a poltrona era 1.800 pesos. Confesso, senhor redator, que achei caro; achei caro e achei também um pouco estranho que se pagasse para um espetáculo em que falava o ministro do Exterior. Nisto, pensei, com meus botões, nossos ministros, do Brasil, são melhores que os do Chile: pelo menos fazem discursos de graça. Ponderei, entretanto, que a coisa devia ser em benefício de alguma coisa, suponhamos do ballet, suponhamos das bailarinas — e tenho uma grande ternura pelas bailarinas. Eram quasi 200 cruzeiros, mas o Braga é mão aberta, e o amigo português era, como diria Eça de Queiroz, um portuguezinho valente: entrou com sua parte sem chiar.

Entramos, pois. Eu estava otimista. A alocução do ministro, segundo prometia êsse officioso matutino, ia ser "breve"; Thornton Wilder é sempre algo de sensível e bom; depois viria "Alótria". Confessarei que não conheço o ballet do Instituto; mas conheço uma de suas primeiras bailarinas, e a estimo. Não lhe quero mal por ter o coração um tanto duro; todo seu corpo é duro, e me agrada isso, e êsse vago ar de ave ávida que toda bailarina clássica tem; outro dia saímos a comer em um restaurante campestre; andamos sob as grandes árvores, falamos coisas vagas. Mas bailarinas, há que vêlas bailar, que disso e para isso vivem. Sentei-me na poltrona, feliz.

Então aconteceu, sr. redator, que meu vizinho da direita abriu um programa que tinha na mão e se pôs a lê-lo. Arrisquei um olhar, estremei. Uma suspeita horrível me assaltou e a comuniquei ao meu amigo português.

Atrás de nós havia um casal de idade. Voltei-me e perguntei se o cavalheiro poderia me informar qual era o espetáculo daquela tarde. Ele me olhou, surpreso, e respondeu que era a "Tosca". Erguemo-nos, eu e o português, como um só homem. Do pânico passamos à corrida. Ópera! Nunca assisti a uma ópera em minha vida, e quero morrer inocente.

Abalamos. 1.800 pesos é quanto me deve êsse honrado matutino (e outro tanto ao Freire amigo), por haver anunciado para o 23 o que ia acontecer no 24. Pague-me-los, senhor redator, e terá o perdão do leitor assíduo.

28/10/55

R. B.

336